

Leituras e escritas



Henrique Rodrigues
colaborador

A leitura de uma obra da autoria da Professora Manuela Vaz Velho, Directora da ESTG/IPVC, levou-me a tecer alguns comentários e a partilhá-los neste espaço. Trata-se de uma análise ao livro intitulado SER SILVA, publicado pela editora Campo das Letras.

Começamos por testemunhar que estamos perante uma publicação de leitura muito agradável, centrada num problema da actual juventude: uma jovem, de nome Vera, é colocada perante o problema do ingresso ensino superior e da escolha de um curso que irá definir o futuro profissional. O ambiente ficcionado conduz o leitor para memórias e percursos de vida dos ascendentes e outros membros com ligações de parentesco; a narradora revisita a história da família, num exercício de análise retrospectiva das atitudes e das responsabilidades, e fá-lo numa perspectiva crítica sobre modelos e opções educativas gizados ao longo das gerações.

A narrativa está sustentada numa escrita aberta, fluente e criativa, proporcionando uma viagem agradável à história da família e ao mesmo tempo obriga o leitor a exercícios de memória para reorganizar mentalmente os espaços e os tempos das personagens, com entradas e saídas pautadas pelo percurso histórico desta ficção.

Vera, a narradora, parte de um problema real: a multiplicidade de ofertas de cursos universitários, pondo à prova a sua capacidade de decisão, perante o leque de ofertas, revisitando os percursos de vida dos ascendentes e apresentando o leitor com um sem fim de quadros e comportamentos de outros parentes.

A narradora figura nesta ficção, revendo-se num conflito geracional e refugiando-se, subconscientemente, nos incumprimentos educativos maternos, ao justificar alguns actos de “rebeldia” conducentes à emancipação feminina. Afinal, as mães também tinham sido “traquinas”, mas criativas, o que não as autorizava a adoptar pedagogias punitivas e repressivas para o sexo feminino.

As sensibilidades familiares, visíveis na expressão de opiniões diferentes donde resultavam discussões domésticas, eram vistas como um modelo de reforços e da coesão parental numa família de onde emergem perfis de avós, pais, filhos, netos e outros membros da linhagem. Esta mesma genealogia, sobre a qual é montada e bem estruturada a ficção, confere o elemento de coesão ao ser sustentada por personagens unidas por laços de sangue e parentesco.

O enredo ganha um colorido próprio e mais alegre ao exhibir pequenos sinais sobre o imaginário das infidelidades no masculino. Mas Vera não deixa de

oferecer ao leitor algumas notas relativas a comportamentos educativos e aventuras dos ascendentes, fazendo-o numa perspectiva crítica e num quadro de emancipação do sexo feminino, pois havia mulheres que não tiveram filhos e também não sabiam cozinhar, numa época em que Elas deviam permanecer em casa, para aprenderem as lides domésticas.

A autora oferece-nos pedaços de histórias de gente comum servidas através de uma complexa rede de relações de parentesco, fixando retratos das personagens cruzadas com Vera, que aparecem como paradigma de confrontos entre as gerações e o futuro que a juventude pode traçar.

A narrativa ganha força ao ser urdida sobre uma teia genealógica, cujo parentesco atravessa várias épocas, dando lições de vida com recurso a valores como a perseverança, pois um Silva “nunca desistia”.

Os retratos comportamentais e psicológicos de gente anónima com histórias de vida entraram na memória do narrador pela via das sociabilidades familiares e das imagens de juventude, sendo enriquecidas com pesquisas feitas em espólios de família, como correspondências e mesmo bilhetes-postais da Grande Guerra herdados de parentes.

Sem devassar as intimidades, como que protegendo quadros reais com recurso ao anonimato, a autora (Prof^a Vaz Velho) constrói cenários de intimidades e da vida privada, deixando o leitor preso ao enredo do imaginável. Todavia, a narradora, como adolescente, revê-se em conflitos, assumindo-o nos exemplos maternos para justificar opções de vida e tomando a liberdade como modelo justificador das opiniões contrárias, a que podemos chamar “inconformismo” da juventude.

A história desta crise de opções termina, depois de percorrer os perfis dos parentes mais próximos, com Vera a decidir que o futuro passaria pelo ingresso no curso de veterinária, fazendo-o racionalmente e por opção, num momento de grande responsabilidade pelas decisões tomadas para o futuro profissional.